
“Aos moldes da terra natal”: imigrantes sul-brasileiros no Paraguai

“To the molds of the earth”: Soul-brazilian immigrants in Paraguay

Vanúcia Gnoatto¹
Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, Brasil.

Resumo: O presente artigo busca analisar a importância das redes sociais criadas entre as famílias imigrantes de sul brasileiros, que adentraram no Paraguai entre as décadas de 1970 a 1980, na manutenção de aspectos identitários próprios em algumas cidades do departamento do Alto Paraná. Partindo da revisão historiográfica do tema, busca-se identificar quais elementos de composição de sua identidade étnica e regional foram mantidos, quais traços foram assimilados, dando origem a uma identidade híbrida, e quais as resistências presentes. Parte-se do pressuposto de que é uma zona fronteira e, conseqüentemente, com identidades fluídas ou porosas. Mesmo nesse contexto, os imigrantes brasileiros diferenciavam-se em relação aos outros por meio da língua e de sua cultura original, mantida através das redes culturais criadas, que preservam a relação desses muito próxima ao país de origem. Como fontes de estudo, recorreu-se à revisão historiográfica e de fontes orais.

Palavras-chave: Identidade. Redes. Imigrantes.

Abstract: This article aims to analyze the importance of the social networks created among the families and/or immigrants from South Brazil who entered Paraguay between the 1970s and 1980s in the maintenance of their own identities in some cities of the department of Alto Paraná. Starting from the historiographic review of the theme, it is sought to identify which elements of composition of its ethnic and regional identity were maintained, what traits were assimilated, giving rise to a hybrid identity and which resistances present. It starts from the assumption that it is a frontier zone and, consequently, with fluid or porous identities. Even in this context, the Brazilian immigrants differed in relation to each other through the language and their original culture maintained through the created cultural networks, which preserve the relation of these very close to the country of origin. As sources of study, historiographical review and oral sources were used.

Keywords: Identity. Networks. Immigrants.

Introdução

Ao se estabelecer no Paraguai, os sul-brasileiros, procuraram se organizar aos moldes do antigo lugar de residência, reproduzindo nesse espaço características próprias que os identificam culturalmente. Esse processo só foi possível graças às redes sociais, que facilitaram a emigração e a inserção em um novo país, promovendo a preservação da cultura original, por meio da língua,

¹ Mestranda em História na Universidade de Passo Fundo (UPF). ORCID: <https://orcid.org/0000-002-0199-7127>. E-mail: vanuciagnoatto@gmail.com



das festas e de espaços de sociabilidade, como o Centro de Tradições Gaúchas. Por vezes, é possível perceber que parte desses sujeitos busca assimilar a cultura e as línguas oficiais do Paraguai. No entanto, a grande maioria reforça elementos próprios que os caracterizavam no local de origem, o que, por muitas vezes, gera conflitos e tensões entre os grupos sociais que fazem parte desse espaço.

A metodologia de estudo aplicada consiste no uso da história oral, com histórias de vida, voltadas a um enfoque maior nos aspectos ligados às migrações dos entrevistados. As entrevistas que fazem parte do corpo do texto compõem uma série de entrevistas feitas em 2016, ainda para a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso de História, sendo que foram realizadas via *web*, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Com base nos seguintes critérios: ser descendente de imigrantes alemães e italianos, ter migrado para o Paraguai entre as décadas de 1970 a 1980, ter nascido no Rio Grande do Sul, ter realizado mais que uma migração e ter migrado em busca de terras. Aqui abrimos a exceção para um neto de emigrante rio-grandense, residente no Paraguai, que conta a história de sua família desde aquele estado.

Já as entrevistas aqui citadas, do período de 2018 a 2019, foram coletadas em pesquisa de campo nos distritos de San Alberto, Santa Rita e Raul Peña, no departamento de Alto Paraná, Paraguai, e nas cidades de Foz do Iguazu e Santa Terezinha de Itaipu, no estado do Paraná, com exceção de uma entrevista recebida pela *web*. Estas fazem parte de uma amostragem de entrevistas que foram coletadas para a dissertação do mestrado em História. O critério aqui utilizado é o de ter nascido em algum dos três estados do sul do Brasil e emigrado ao Paraguai entre as décadas de 1970 a 1980. Aqui abrindo exceção para uma autoridade paraguaia nata e para uma religiosa que trabalha diretamente com os imigrantes. As mesmas foram realizadas após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Optamos por deixar o nome dos entrevistados por entender a importância destes no tema estudado.

Após a análise dessa amostragem, considerando a memória desses sujeitos, elemento fundamental para entender como os imigrantes se inserem e se socializam no além-fronteiras. A memória, consoante Pollak (1992, p. 204), faz parte do sentimento de identidade individual e coletiva, [...] “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Para Candau (2012, p. 18), o vaivém da memória que cria a identidade “é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos: no domínio da identidade étnica, a completa assimilação dos indivíduos pode ser contestada pela sociedade que acolhe, desde que o trabalho do esquecimento de suas origens não tenha se completado”. Para o autor, a memória nos modela, e é também modelada. Isso resume “a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, e se apoiam uma a outra para produzir uma nova trajetória de vida, de história, um mito, uma narrativa”. Restando no final apenas o esquecimento (CAUDAU, 2012, p. 16).

1 Redes migratórias Brasil-Paraguai

Para compreendermos a presença de brasileiros em solo paraguaio, é fundamental entendermos o contexto histórico em que essa migração está inserida. Na segunda metade do século

XX, os interesses geopolíticos e econômicos conduziram uma aproximação entre o Paraguai e o Brasil, o que contribuiu à emigração de brasileiros para aquele país. Segundo Zamberlan e Corso (2010), o processo migratório iniciou no final da década de 1950 e acentuou-se no final da década de 1960. O presidente paraguaio, Alfredo Stroessner, ao longo do seu governo procurou estreitar as relações com o Brasil. O seu projeto de governo desenvolvimentista formulou o Programa de “Crescimento para Fora”, com a finalidade de modernizar a economia local e estimular o povoamento das áreas de fronteira com o Brasil. Naquele contexto, o Brasil também passava por um rápido processo de modernização agrícola e, como consequência, de êxodo rural, em parte, amenizado por essa aproximação (ZAMBERLAM; CORSO, 2010, p. 17).

A emigração de brasileiros ao Paraguai caracteriza-se por ser composta por famílias geralmente numerosas de pequenos e médios proprietários, ou arrendatários que possuíam toda uma trajetória ligada ao trabalho com a terra, e que envolvia todos os membros destas. A grande maioria das famílias já havia realizado duas, ou mais, trajetórias migratórias em busca de terras e trabalho como arrendatários, movidos pelo processo de modernização agrícola do qual não conseguiam fazer parte. Os emigrantes distinguem-se por suas trajetórias. Há um grupo constituído de emigrantes que realizaram uma trajetória entre os estados do nordeste e sudeste brasileiro, vindo a se estabelecer no Paraná e, posteriormente, no Paraguai. Já outro grupo é composto de emigrantes sul-brasileiros, sendo a grande maioria de ascendência europeia, especialmente alemã e italiana, que migrou em busca de terras entre os estados do sul. Uma terceira parte migrou direto dos três estados para o Paraguai.

As várias trajetórias realizadas por esses e/imigrantes, fazem pensar sobre a condição desses sujeitos. Sayad, defende que existe uma dupla contradição na imigração: “[...] não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade.” Entretanto, “insiste-se com razão na tendência atual que os imigrantes possuem de se ‘instalar’ de forma cada vez mais duradoura em sua condição de imigrantes” (SAYAD, 1998, p. 45). Assim, a condição provisória tornava-se definitiva.

A migração ao Paraguai acontecia graças a redes de relações, que foram se constituindo, e que tiveram grande influência na decisão de saída e aquisição de novas terras. Entre os e/imigrantes brasileiros que adentram ao Paraguai, percebe-se uma relação bastante estreita entre redes sociais e redes migratórias, que torna até difícil distinguir uma da outra. Em sua análise, Soares, assim as define:

[...] rede social consiste no conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação. Uma rede social, em virtude do processo em torno do qual ela se organiza, pode abrigar várias redes sociais; [...] rede migratória, cujas singularidades dependem da natureza dos contextos sociais que ela articula, é, também, um tipo específico de rede social que agrega redes sociais existentes e enseja a criação de outras (SOARES, 2002, p. 24).

A família de Pedro Darci Scholl, agricultor, residente em Santa Rita, PY (Paraguay), em suas várias trajetórias, aponta para uma reflexão sobre essa provisoriedade do migrante, e sobre a presença de redes sociais e migratórias que viabilizam o deslocamento da família ao Paraguai, bem como, para as demais cidades que a mesma havia migrado anteriormente. Naturais de São Sebastião do Caí, RS, eles migraram para Porto Novo, hoje São João do Oeste, SC, e para Missal, PR, em busca de terras melhores e em grande quantidade. Contudo, tiveram em todas as suas migrações as expectativas frustradas. Dessa forma, a emigração ao Paraguai passou a ser uma opção para a família Scholl. Após averiguar as informações dos vizinhos, que já haviam migrado, sobre as “terras paraguaias”, o patriarca da família adquiriu terras para três de seus dez filhos, em 1980. Esses constituíram famílias e se estabeleceram no Paraguai. Com o tempo, outro irmão, Pedro, conseguiu adquirir terras próximas a dos irmãos já estabelecidos no país vizinho. Ao fim de 1985, o patriarca da família, João Willibaldo Scholl, e sua esposa, Irma Petri Scholl, fixaram residência próxima aos seus filhos, em Santa Rita.

Essas famílias, em sua terra natal ou em seus locais de destino que antecederam a emigração ao Paraguai, tomaram conhecimento da oferta de terras e, depois de verificar a veracidade das informações, decidiram por emigrar. A propaganda dava-se pelos meios de comunicação, corretores e vendedores, ou de conhecidos, parentes, amigos e vizinhos, que já haviam migrado e que faziam parte de uma rede de contatos que estimulavam e dava credibilidade à iniciativa de emigrar. Como afirma Ramella (1995, p. 21 apud SAQUET; MONDARDO, 2008, p. 123), são essas redes sociais “que formam parte, e que constroem e que estruturam as oportunidades. [...] são esses elementos que abrem e fecham o acesso as oportunidades”. Fator que explica por que nem todos tinham acesso a todas as informações, mas somente os que tinham contatos influentes conseguiam as melhores oportunidades.

Conforme Tedesco entende, as redes sociais são acontecimentos sociais há muito tempo presentes no cenário das migrações, estruturando e influenciando os comportamentos individuais. Essas se formam, se dinamizam e, ao mesmo tempo, migram, alteram-se, e movimentam-se, trocas e laços, doações e débitos cortam territórios, trabalham como nós conectados por horizontes de várias dimensões e se fortificam devido às demandas, às distâncias, às ausências, à falta de relação entre os imigrantes. As mesmas tornam-se fortes com o agrupamento regional e de descendência. Unem-se devido aos objetivos comuns e intensões que se cruzam (TEDESCO, 2010, p. 223 -229).

Na migração havia um envolvimento e articulação no processo migratório, entre várias delas, que de forma coletiva, buscavam juntas enfrentar as dificuldades. Essa experiência foi vivenciada por Amélia Ebert Haupt, residente em Santa Terezinha de Itaipu, Paraná, natural de Itaúba, Rio Grande do Sul, que em 1969 migrou com a família para Toledo, e em 1973 para Santa Helena, também no estado do PR, e que em 1977 diante do risco de ter as suas terras inundadas pela represa da usina de Itaipu, migra com esposo e filhos para a colônia de Santa Rosa del Monday, no Paraguai. Novamente, realizam outra migração na mesma colônia com mais cinco famílias que trouxeram a mudança em um único caminhão. Como descreve Amélia, “os homens foram catorze dias antes fazer uma casa assim e daí todo mundo se ajeitou [...]”; foi

feita uma construção assim que serviu de escola e igreja pra culto e missa, e todas as crianças iam ali pra aula” (Informação verbal)².

Nos primeiros anos, entre os imigrantes das mais diversas formas e intensidade, constituem-se redes que os auxiliaram na permanência no Paraguai, mesmo processo percebido por Vendrame entre os emigrantes italianos no Rio Grande do Sul, em que “As redes de solidariedade e parentais – há tempos firmadas entre aqueles emigrantes – serviram de base para que novas relações de interdependência e reciprocidade fossem firmadas” (VENDRAME, 2010, p. 72).

Para Souchaud, a possibilidade de poder contar com o apoio entre si, tanto na zona pioneira como na área rural periférica, é provavelmente um dos elementos centrais de sucesso nas primeiras décadas. Ao mesmo tempo a fraca organização da frente nos seus espaços avançados e o fraco enraizamento no local de origem fez com que muitos pioneiros fossem expulsos facilmente a partir de uma frente onde eles não poderiam encontrar lugar (SOUCHAUD, 2007, p. 127, tradução nossa)³.

Grande parte das famílias migrantes carregava consigo uma experiência de vida comunitária que permitia uma abertura para enfrentar as dificuldades presentes em suas novas propriedades e problemas de outra ordem, como acesso à saúde, à educação e às estradas. Por intermédio de comunidades ligadas a uma religião, formaram-se comissões e associações para enfrentar as dificuldades iniciais. Essas organizações possibilitaram o surgimento de novas cidades, criadas em sua maioria pelos imigrantes.

Quanto às cidades e localidades criadas por eles, uma atitude bem comum era a denominação que se assemelhava, ou era a mesma, das antigas cidades e localidades de onde procediam os imigrantes. Como exemplo em nossa pesquisa de campo com imigrantes que partiram do Rio Grande do Sul, encontramos referências a algumas cidades, como Cerro Largo, que, em Santa Rita, denomina um bairro e a cidade de Santa Rosa, que, no Paraguai, denomina uma cidade – Santa Rosa del Monday, demarcando um rio próximo ao local. Já a fala de Silvina Rauber, professora, residente em Santa Terezinha de Itaipu, PR, natural de Iporã do Oeste, SC, que migrou com a família para Missal, PR, em 1965 mostra a reprodução de nomes existentes nas cidades do Paraná, local em que a sua família residia antes de migrar para Naranjal, no ano de 1978, no Paraguai.

Depois que nós fomos pra lá, foi muita gente aqui da região do Paraná, mas nós fomos os primeiros porque o pai foi e ele era bem conhecido aqui e, dali pra frente, foi muita gente e fundou várias comunidades com os mesmos nomes que tinha no Paraná, Nova Esperança, Linha 12, agora São Armando, só mudavam um pouco nome, mas eram daqui conhecidos. [...] os conhecidos iam levando um e outro (Informação verbal)⁴.

² Amélia Ebert Haupt, Santa Terezinha de Itaipu, entrevista concedida em 13 jan. 2019.

³ Do original: Gozar de apoyo tanto en la zona pionera como en la zona rural periférica, es probablemente uno de los elementos centrales del éxito pionero en los primeros decenios; frecuentemente estos contactos paliaban las carencias económicas de los migrantes. Es probablemente esta imposibilidad de organizarse (en razón de la muy débil organización del frente en sus espacios de más avanzados e igualmente del escaso arraigo en una comunidad de origen) que hizo que muchos pioneros fueran expulsados fácilmente de un frente en el que no lograban encontrar lugar.

⁴ Silvina Rauber, Santa Terezinha de Itaipu, entrevista concedida em 21 jan. 2019.

Esse nomear novos espaços como o nome dos antigos é percebido por Gregory ao estudar os colonos que saíam do Sul do País e se instalaram no Paraná. Em ambos os espaços, os sujeitos constituíram, preservaram e cultivaram instituições, como igrejas, escolas comunitárias, associações e festas existentes no Sul do País. Conforme esse autor, “para os colonos das novas localidades, a nova identidade está sentada sobre a identidade antiga, cujas raízes estão na cidade natal”. O mesmo segue afirmando que, ‘esta realidade alimentava o desejo de continuidade da pulsão migratória na medida em que o “novo” se constituía no “velho” renovado, possibilitando a reconstrução espacial’, o que diminuía o sentimento de perda, trazendo uma sensação positiva, resgatando e renovando o que foi deixado para trás (GREGORY, 2008, p. 137).

Nesse sentido, para Beneduzi (2004, p. 264), a nostalgia experimentada sensivelmente pelo emigrante no contato com o seu mundo imagético, deixado para trás, conduziu a um “jogo de colagens”. Assim, “ele [o imigrante] mescla com o novo ambiente imagens evocativas de um passado e experiências que prefere não esquecer”. O caso da emigração de grandes famílias ao país fronteiriço só potencializou a evocação desse sentimento, levando a reproduzir nesse espaço instituições sociais e religiosas aos moldes das existentes nos locais de origem.

No Paraguai, Bárbara percebe que os imigrantes brasileiros constituíram redes transfronteiriças em níveis culturais, políticos e econômicos, variando de acordo com as classes sociais, os produtos e as informações. Podendo ser classificadas principalmente em três tipos:

As redes política eleitorais: muitos imigrantes mantem atualizado o título eleitoral brasileiro [...] esses privilegiados têm condições de vivenciar vantagens nos dois territórios por causa de sua ampla capacidade de mobilidade; II) As redes econômicas: a circulação, a distribuição e o consumo made in Brazil são intensos no Paraguai Oriental. III) A rede ideológico-cultural: a penetração da “cultura brasileira”, por meio da utilização maciça do idioma português (BÁRBARA, 2005, p. 342).

2 A língua como um elo de ligação

Entre os elementos preservados pelos imigrantes brasileiros no Paraguai, têm-se a língua portuguesa. Em muitas cidades do departamento de Alto Paraná, o português é o idioma mais falado pelos imigrantes que estão há quatro gerações naquele país, e pelos seus descendentes já paraguaios, o que conduziu os paraguaios natos que migraram para essas cidades a um caminho inverso, pois necessitam aprender a falar o português para conseguir trabalho e se socializar nessas cidades. A fala do intendente municipal de Santa Rita, Cesar Landy Torres, paraguaio nato, explica como funciona essa dinâmica.

A cultura brasileira é, digamos, muito forte no sentido de que nós paraguaios nos ajustamos mais para com os brasileiros do que brasileiros para com os paraguaios, no idioma por exemplo: maioria paraguaia fala português aqui, você encontrará muitos brasileiros, que de repente, não falam em espanhol, o

paraguaio aceita mais rapidamente por muitos fatores. A televisão dos anos 90 era toda em português, não tínhamos antena parabólica, então, eu via Chaves em português. Eu ia a Caacupé com meu primo e era diferente de verdade, a primeira vez que ouvia em espanhol [...] a TV sempre estava em português, todo jornal era, porque não havia e Paraguai nem tinha. [...] Agora também existe uma mentira que o povo da capital fala, de que aqui se canta o hino nacional brasileiro, de que se hasteia a bandeira nacional isso é uma mentira, nunca! O espanhol sempre foi ensinado na escola, o hino nacional sempre foi cantado, a bandeira do Paraguai sempre foi hasteada (Informação verbal, tradução nossa)⁵.

O avanço da língua portuguesa e da cultura brasileira⁶, por meio de uma rede cultural criada pelos imigrantes no departamento (estado) do Alto Paraná, nos leva a pensar sobre o lugar ocupado pelos imigrantes e pelos paraguaios natos. Elias e Scotson (2000), através das categorias de *Estabelecidos e Outsiders*, ajudam a entender o jogo de poder existente. Nessa realidade, os brasileiros, por exercerem grande influência por intermédio de suas expressões culturais, passam, mesmo sendo imigrantes, a serem vistos como os estabelecidos, deixando para os paraguaios em seu próprio país o papel de *outsiders* – um elemento de fora.

O agente da Pastoral do Migrante e ex-vereador da cidade de Santa Rita, Jacó Weller, empresário, residente em Santa Rita, natural de Cerro Largo, RS, que migrou para o Paraguai, juntamente com a família, no ano de 1977, reconhece que entre os imigrantes brasileiros existe um erro em não adotar as línguas próprias do país em que residem. Ele aponta a dificuldade dos paraguaios natos em manter a sua cultura.

A maior dificuldade é os paraguaios continuar a cultura deles na nossa região [...]. Eu acho que é um erro dos nossos imigrantes, porque os nossos filhos, por exemplo, o guarani só o que eles aprendem no colégio porque não se fala, porque os paraguaios em nossa região e hoje já são bastante falam mais o português do que [...] máximo o espanhol, guarani muito pouco (Informação verbal)⁷.

Nessas cidades fronteiriças é comum as rádios destinarem espaço para programação no idioma português. Além disso, a propagação de veículos de comunicação brasileiros permite que os laços com o país de origem se mantenham mais forte. A fala de Neison Scholl Bamberg,

⁵ Do original: La cultura brasileña es digamos bien fuerte en el sentido de que nosotros los paraguayos nos ajustamos más al brasilero que el brasilero al paraguay, en el idioma por ejemplo: paraguaio a maioria fala português aqui, você vai encontrar muitos brasileiros que não falam de repente español, o paraguaio se acomoda más rápido por mucho factores. Nos años 90, la televisión era todo portugués, nosotros no teníamos parabólica entonces yo veía Chaves todo en portugués. Yo me iba a Caacupé con mi primo y era diferente verdad, primera vez escuchaba en español [...] la tele era siempre en portugués, todo era o jornal, porque no havia y Paraguai no tenía. [...] Ahora hay una mentira también de que la gente de la capital habla de que acá se canta el hino nacional brasilero que se alça la bandera nacional del Brasil eso es mentira, nunca! En las escuela siempre se enseñó el español, siempre se cantó el hino nacional, siempre se alço la bandera del Paraguay.

Depoimento de Cesar Landy Torres, intendente distrital de Santa Rita, concedido em 27 jul. 2018.

⁶ Aqui se entende a cultura brasileira que passa pela língua portuguesa, danças, músicas, pratos típicos, festas, espaço de socialização, como o Centro de Tradição Gaúcha, CTG e a cultura paraguaia os idiomas oficiais: guarani e espanhol, danças, pratos típicos e músicas. Não adentramos nas questões ligadas a forma de cultivo da terra, que nesse caso existem muitas diferenças que levam um distanciamento ainda maior entre os grupos sociais e ao jogo de poder entre os mesmos.

⁷ Jacó Weller, Foz do Iguaçu, entrevista concedida em 17 jan. 2019.

agricultor, residente em Santa Rita, PY, filho de imigrantes sul brasileiros, que migraram para o Paraguai em 1980, nos ajuda a entender esse processo.

Em relação ao Brasil, a gente tem muito contato, muita informação e muito acesso à cultura brasileira. Por ser uma região de imigrantes, a cultura é muito influenciada pelo que se vê no Brasil. Por exemplo, só pra citar o pessoal, que, de origem brasileira, acompanha apenas os canais brasileiros na televisão. Os canais paraguaios não estão na parabólica. Tem que ter aquela antena VHF e os brasileiros muito dificilmente usam esse tipo de antena. Então, muitas vezes, a gente está muito mais informado sobre política, por exemplo, e informações do Brasil do que do Paraguai. Pra se informar sobre o que está acontecendo aqui, só por jornal ou rádio (Informação verbal)⁸.

As formas de expressões culturais, por exemplo, as músicas que fazem sucesso no país vizinho, rapidamente passam para o outro lado da fronteira e fazem parte do cotidiano dos imigrantes e de paraguaios. Pela proximidade com a fronteira e pelas redes sociais na internet, os brasileiros e seus filhos mantêm uma intensa relação com o Brasil, tanto em nível afetivo quanto no aspecto cultural. A proximidade também facilita as visitas realizadas a familiares que são feitas com frequência. Nesse sentido, Hall (2003, p. 35-36) defende a mobilidade das culturas, ao afirmar que “as culturas sempre se recusam a ser encurraladas dentro das fronteiras nacionais. Elas transgridem os limites políticos”.

Ao nos referimos às culturas nacionais, Hall, afirma que estas formam uma das principais fontes de identidade cultural. Ainda segundo o autor, “Essas identidades não estão impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte da nossa natureza essencial” (HALL, 2002, p. 47). Essa afirmação ajuda a compreender o porquê da ligação dos imigrantes brasileiros com o Brasil ser ainda tão forte.

3 Espaços de sociabilidade

A expressiva presença de imigrantes brasileiros nesse espaço possibilitou uma rápida adaptação às novas terras e a reprodução de modelos próprios de organização social e cultural presentes no país de origem, com a predominância da cultura do Rio Grande do Sul e de características étnicas alemãs e italianas. Isso, nos primeiros anos, levou a embates, em especial, em algumas comunidades constituídas de diversos e diferentes grupos de imigrantes que possuíam culturas diferentes que entravam em atrito acerca do modo como agir e realizar atividades.

O emigrante, ao mesmo tempo em que deixa a sua terra ao cruzar a fronteira, traz uma série de elementos que o identifica como pertencente a uma nacionalidade e etnia, que tendem a ser reforçados, pois são elementos próprios de sua identidade. Ele é percebido como mais brasileiro que o seu conterrâneo que não migrou. Esse é o sentimento de quem se encontra em uma fronteira, em que é possível estabelecer relações de reciprocidade com a alteridade – aproximação ou distanciamento.

⁸ Neison Scholl Bamberg, Santa Rita, entrevista recebida em 28 ago. 2016.

Para Albuquerque (2005, p. 16), nessa realidade a imigração brasileira apresenta-se como uma fronteira em movimento, porque ultrapassa o limite internacional e constrói várias fronteiras no território paraguaio, como por exemplo, “os limites entre o cidadão e o estrangeiro, as diferenças das línguas nacionais, confrontos entre mentalidades capitalistas e culturas camponesas e as fronteiras de um passado de conflitos entre os dois países”.

Conforme Barth (1998, p. 188), as fronteiras resistem, embora haja um fluxo de pessoas que as atravessem. Assim as diferenças entre categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação, mas conduzem a processos sociais de exclusão e de inclusão pelos quais categorias discretas são mantidas. “As distinções étnicas não dependem de uma importância social e aceitação, mas são, ao contrário, frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes.” A cultura vai se afirmando no contato com a alteridade. É o contato étnico que mantém a etnicidade.

Sobre as etnias desses imigrantes, Truzzi afirma que, além as redes de relações criadas antes da emigração, que moldaram os vínculos étnicos no local de destino, a própria experiência migratória, propõe e redefine novas identidades e considerações que podem aparecer como redes novas. O mesmo ainda afirma, que “hoje brasileiros no exterior se reconhecem e desenvolvem identidades próprias ao grupo, porque compartilham da condição comum de imigrantes” (TRUZZI, 2008, p. 211).

Nessas cidades próximas a fronteira com o Brasil, a impressão que tivemos ao passar pelas mesmas, era a de estar ainda em território brasileiro. Uma de nossas entrevistadas Dalci Malmann, agricultora, natural de Humaitá, RS, que migrou para Raul Peña, PY, em 1981, em sua residência no interior de Raul Penã, ao ser questionada sobre como era morar no Paraguai traduz essa sensação, ao afirmar que morar no Paraguai era “como se fosse morando lá (Brasil).” (Informação verbal)⁹, nos dando uma ideia da influência da cultura nacional e regional dos brasileiros nesse espaço, que por vezes nos dá a impressão de ser um alargamento do território brasileiro.

Nessas cidades fronteiriças, como exemplo na cidade de Santa Rita, todos os anos, ocorrem bailes de chope e jantares promovidos pelos descendentes de etnia alemã e italiana, nos quais os trajes e as comidas típicas se fazem presentes, mostrando o quanto a ligação com a identidade étnica é forte para esses que tem ascendência de imigrantes europeus, graças à preservação da memória dos antepassados. As festas maiores nas cidades em que predomina a população brasileira surgiram seguindo o modelo das praticadas nas antigas colônias desses imigrantes. Entre essas, percebe-se uma integração cultural maior nas festas juninas, quando ocorre uma mescla de danças e culinárias dos dois países.

Na fala do casal Ivani Hirsch Bartz, natural de Tuparãndi, RS, que migrou com a família paterna em 1972 para Santo Antônio do Sudoeste, PR, e Vilmar Bartz, natural de Tenente Portela, RS, que também migra com a família para a mesma cidade, aonde acabaram se casando e migrando para San Alberto, PY, no ano de 1980, compreendemos ainda mais como acontece a integração entre as culturas brasileiras e paraguaias. Na mesma fala, percebemos

⁹ Dalci Malmann, Raul Penã, entrevista concedida em 26 jul. 2018.

que, por mais que se busque uma integração, ela parece pequena e tímida, pois nota-se entre os imigrantes certa resistência em acolher e assimilar a cultura paraguaia. Assim se constata que a presença de elementos característicos da cultura do Rio Grande do Sul é maior.

Quando tem as festas juninas se faz uma mistura de tradição, se faz uma mistura de comidas. O que mais se festeja e une o povo são as festas juninas. Ali tem essas danças da cultura paraguaia, folclórica, cultura espanhola. As festas grandes das comunidades [...] prevalecem à cultura brasileira do churrasco, maionese, cuca. Prevalece a cultura do sul, trazida pro Paraguai [...] As festas grandes é o ritmo e a cultura brasileira que prevalece. E mais gaúcha ainda, muito gaúcha, o tipo do churrasco, a maneira de preparar a festa é muito do Sul (Informação verbal)¹⁰.

Ao descrever a relação entre brasileiros e paraguaios natos, o intendente municipal da cidade de Santa Rita, identifica que além da integração entre as culturas existe ainda entre esses sujeitos, de ambos os lados, um preconceito:

A integração das culturas foi muito positiva aqui em Santa Rita e região, lembro que nos anos 90 houve um pouco de dificuldade, de repente um pouco de racismo por parte dos paraguaios para com os brasileiros e também por parte dos brasileiros para com os paraguaios, de ambos os lados. Mas os filhos deles que começamos a levar para a escola, com a ajuda de professores, as pessoas entenderam que isso poderia ser superado. Hoje eu não vejo isso muito forte [...] Há sempre uma parte racista para dizer de ambos os lados, mas muito baixa, que não influencia o crescimento da sociedade, na integração, isso não é forte (Informação verbal, tradução nossa)¹¹.

Há casos de imigrantes que estão integrados na área econômica e política, mas não à cultura. Isso é bastante comum entre os imigrantes brasileiros de mais idade e de ascendência europeia. Há também casos em que existe uma abertura que conduz a uma reciprocidade maior com o diferente, levando o imigrante a envolver-se em um sentimento de pertencimento e a assimilar elementos próprios da cultura paraguaia. Na fala de Noeli Maria Pasuch Rambo, proprietária de *buffet*, residente em Santa Rita, PY, natural de Humaitá, RS, que migra com os pais ainda pequena para Três Passos, RS, e em 1979 para Santa Rosa del Monday, PY.

Embora tenha chegado ao país há quase 15 anos, hoje posso dizer que não sou mais estrangeiro, mas cidadã do lugar onde cresci, casei e tive meus 4 filhos.

¹⁰ Ivani Hirsch Bartz e Vilmar Bartz, entrevista concedida em San Alberto, 28 jul. 2018.

¹¹ Do original: La integración de culturas fue muy positivo aquí en Santa Rita y la región, yo me acuerdo en los años 90 habían un poco de dificultad, de repente un poco de racismo de parte de los paraguayos y con brasileros y también de la parte de los brasileros con los paraguayos, de ambas partes. Pero los hijos ya de ellos que nosotros empezamos traer en la escuela con la ayuda de los profesores la gente entendieron que se pude superar esto. Hoy en día no veo muy fuerte esto [...] Siempre hay una parte racista por decir así de ambos los lados, pero muy baja, que no influye en lo crecimiento de las sociedad, en la integración, no está fuerte esto instalado Depoimento de Cesar Landy Torres, intendente distrital de Santa Rita, 27 jul. 2018.

[...] Além disso, nesses locais havia apenas presença dos migrantes brasileiros, o que facilitou a adaptação, com o decorrer do tempo é que foi crescendo a população e chegando migrantes internos do Paraguai, o que obrigou a se acostumar ao espanhol [...] e aos costumes dos nativos do país. Estas pessoas, paraguaios nativos, vieram a essa área principalmente para se envolver em comércio, farmácias, escolas e segurança. A adaptação tornou-se muito fácil, pois a convivência era pacífica e respeitosa entre todos (Informação verbal, tradução nossa)¹².

A fala da Irmã Missionaria Carlista Scalabriniana Terezinha Mezzalira, MSCS, funcionária pública, que trabalha na Casa do Migrante, órgão vinculado ao Ministério do Trabalho, em Foz do Iguaçu, que dedica anos de seu trabalho pastoral a serviço desses imigrantes, nos possibilita compreender um pouco mais essa realidade de muitos imigrantes brasileiros com relação à assimilação da cultura paraguaia.

Conheço a realidade da chegada dos brasileiros no Paraguai desde o ano 1978 e posso dizer que ainda hoje muitos não conseguiram fazer o processo da enculturação, bem como os filhos nascidos no Paraguai. Um número significativo não domina o idioma espanhol e mantém os mesmos costumes, comportamentos e valores de seus avós. Visitando as comunidades ao longo da fronteira onde se encontra a grande maioria dos brasileiros tinha a impressão de estar no Rio Grande do Sul, pois tudo era tão parecido que não dava para sentir que estava em outro país (Informação verbal)¹³.

Quando analisamos o processo de assimilação cultural, percebemos que este acontece tanto para os paraguaios quanto para os imigrantes, variando a abertura existente entre ambos para a formação de identidades híbridas. No entanto, como Barth (1998, p. 193) comprova em seus estudos de alguns grupos, como no caso dos “chuckchees do interior e do litoral, em Bogoras, 1904 –1909” ainda que esses ocupassem vários espaços ecológicos e geográficos diferentes, os mesmos conservaram a unidade cultural e étnica básica por longos tempos. Essa característica também se encontra presente no caso da imigração de rio-grandenses que ainda conservam elementos próprios da cultura regional.

Não me sinto imigrante, estou totalmente presente nessa realidade e é um grande enriquecimento compartilhar com a diversidade étnica que, com o tempo, foram chegando aqui em Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai, onde moro

¹² Do original: A pesar de que llegue al país ya casi con 15 años, hoy puedo decir que no soy más una extranjera sino más bien una ciudadana de este lugar donde crecí, casé y tuve mis 4 hijos [...] Además, en estos lugares solo había presencia de migrantes brasileiros lo que hacía más fácil la adaptación, con el decorrer del tiempo es que fue creciendo la población y llegando migrantes internos del Paraguay lo que obligó a acostumbrarse al español [...] y a las costumbres de los nativos del país. Estas personas, paraguayos nativos, llegaron a esta zona principalmente para dedicarse al comercio, farmacias, escuelas y seguridad. La adaptación se hizo muy fácil, ya que la convivencia era pacífica y respetuosa entre todos

Depoimento de Noeli Maria Pasuch Rambo, Santa Rita, entrevista recebida em 7 set. 2016

¹³ Terezinha Mezzalira, Foz do Iguaçu, entrevista recebida em 8 abr. 2019.

atualmente. Esta convivência ajuda a abrir os horizontes! Podemos cultivar a cultura gaúcha aprendida no Brasil e através de instituições, como o CTG Indio José (centro das tradições gaúchas) nossos filhos nascidos no Paraguai também gostam de aprender e experimentar a cultura brasileira. E podemos até dizer que, em várias ocasiões, nossos filhos representaram o CTG do Paraguai (lema: em qualquer nação, todos por tradição) dançando danças gaúchas e trouxeram prêmios nos diferentes eventos (Rodeios) dos quais participaram, destacando bem, mesmo à distância, a pátria brasileira e o amor por ela, que continuam se espalhando (Informação verbal, tradução nossa)¹⁴.

O fato de não se sentir mais migrante, mas ainda se sentir “gaúcho/gaúcha” no Paraguai, nos leva pensar sobre a transitoriedade migratória. Para Goettert, que analisa a transitoriedade migratória de rio-grandenses em Rondonópolis, “o fim da transitoriedade migratória, se por um lado redefine o sujeito nos lugares, por outro não retira dele as características do ser do lugar de origem”. Dessa forma é possível deixar de ser migrante, mesmo que tenha sido. Porém, é impossível ‘deixar de “carregar” a substância do lugar deixado’. No seu estudo, “o migrante gaúcho em Rondonópolis pode deixar de ser migrante, mas não deixa de ser gaúcho”. Assim sendo, a transitoriedade compreende a condição de migrante e de pertencimento, mas não a condição de gaúcho. Este por mais que não seja migrante é gaúcho no Mato Grosso (GOETTERT, 2008, p. 43).

Essa conservação da unidade cultural é percebida, sobremaneira, mediante o culto ao tradicionalismo gaúcho entre imigrantes e filhos de imigrantes rio-grandenses nos diversos espaços por eles ocupados, como no caso especial do Paraguai. Torna-se importante pensar na questão da diferenciação da tradição e do costume. Segundo Hobsbawm e Ranger (1984), tradição é a invariabilidade, em que o passado forjado ou inventado impõe práticas fixas, como a repetição. Por outro viés, o costume não impede as inovações, porque o ser humano não é algo estático e imutável. Como exemplo de costume, temos a ação de um juiz e, como exemplo de tradição, os símbolos que envolvem o juiz.

[...] “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores ou normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente; uma continuidade com relação ao passado (HOBSBAWM; RANGER 1984, p. 10).

¹⁴ Do original: No me siento una inmigrante, estoy totalmente presente en esta realidad y es un gran enriquecimiento compartir con la diversidad étnica que, con el tiempo fueron llegando aquí en Santa Rita, Alto Paraná, Paraguay, donde vivo actualmente. Esta convivencia ayuda a abrir los horizontes! Podemos cultivar la cultura gaucha aprendida de Brasil y a través de instituciones como el CTG Indio José (centro de tradiciones gauchas) nuestros hijos nacidos en Paraguay también disfrutan aprenden y vivencian la cultura brasilera. Y hasta podemos decir, que en varias ocasiones nuestros hijos fueron a representar al CTG de Paraguay (Lema: en cualquier nación todo por la tradición) bailando las danzas gauchas y han traído premios en los diferentes eventos (Rodeios) en que han participado, destacando así como en la distancia se continua difundiendo la patria brasilera y el amor a ella
Depoimento de Noeli Maria Pasuch Rambo, entrevista recebida em Santa Rita, 7 set. 2016

Um caso típico de invenção de tradições que marca as relações sociais estabelecidas, é o CTG em Santa Rita, Paraguai. Esse espaço vai além da dança e das festas tradicionalistas. Trata-se de um espaço de socialização entre os imigrantes e os paraguaios. Como relata um professor de dança gauchesca:

A maioria dos brasileiros que moram em Santa Rita participam ativamente do CTG. Além disso, muitos paraguaios também participam e gostam das músicas e acham bonito. O CTG é o principal ponto de lazer da cidade, organizamos jantares dançantes, festas do dia da mulher e a Expo que é o maior evento que participamos e ajudamos a promover (“RENATO” apud BACK, 2014, p. 49).

O próprio nome do CTG já consiste em um indício dessa peculiaridade: Índio José. Por mais que tenha sido formado por imigrantes brasileiros, traz no nome o elemento indígena que caracteriza a maioria da população do Paraguai. Isso evidencia a relação que o imigrante estabelece entre elementos de sua identidade e elementos de novas terras

É importante discutir a incorporação da identidade gaúcha pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), como a verdadeira identidade do povo do Rio Grande do Sul. Como sabemos, o gaúcho é um sujeito da fronteira, com características próprias que não representam nenhuma parte da diversidade identitária do RS. Golin (2011, p. 4), defende que “o paradigma rio-grandense é o Rio Grande multicultural e multiétnico. Sua fronteira de involucramento é a mestiçagem. O autêntico é a diversidade. E não exclusivamente o padrão gauchesco. O nexo é a alteridade, o reconhecimento do outro.”

Outro elemento que denota essa invenção de tradições e a mescla cultural, refere-se às danças, pois todas as tradições se apropriam de várias características culturais eleitas pelos grupos que as constituem. Nesse espaço de fronteira, essa interação cultural constitui a identidade cultural híbrida. O CTG, nessa realidade, não se apresenta como um espaço de um grupo fechado, mas como um ambiente de construção de relações sociais entre os diversos grupos culturais.

Sobre a identidade, Hall (2002, p. 12), defende que “o sujeito previamente vivido, como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado, composto não por uma, mas por várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Trata-se de algo que se constitui ao longo do tempo na vida dos envolvidos, por meio de processos inconscientes, e não como algo pronto que se recebe no nascimento. Dessa forma, segundo o autor, ao invés de falarmos em identidade como algo concluído, devemos falar em identificação e sempre pensá-la como um processo em movimento.

Ainda segundo Hall (2000, p. 110), “as identidades podem funcionar, ao longo de toda a história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto”. O autor segue afirmando que

[...] toda a identidade tem, à sua “margem”, um excesso, algo a mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda

identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado (HALL, 2000, p. 110).

No contexto atual, devido aos processos migratórios pós-modernos, prevalecem as identidades híbridas. Conforme Hall (2002, p. 89), os sujeitos precisam aprender a viver “no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais a traduzir e negociar entre elas as culturas híbridas constitui um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia”.

Em cidades nas quais a presença de imigrantes brasileiros é menor, ou o trabalho do imigrante exige um contato maior com os paraguaios natos, o processo de constituição de uma identidade híbrida é maior. É o caso de Maria Gessi Soledade dos Santos, cozinheira, residente em Foz do Iguaçu, PR, natural de Francisco Beltrão, PR, que no ano de 1970, quando criança, migrou com sua família para a cidade de Hernandaria, no Paraguai, constituída, em sua maioria, por paraguaios natos. Em sua fala, ela descreve a cena em que foi identificada como paraguaia:

Esses tempo eu fui ali na Ciudad del leste e uma paraguaia falou assim: o que você fez pra casar com brasileiro? Eu falei: eu pedi a Deus! Ela acha que eu era paraguaia por que falava em paraguaio. E ela falou: a porque yo queria tanto um brasileño y ustedes teve suerte (Informação verbal)¹⁵.

Esse processo é vivenciado pelos imigrantes, sobretudo pelos descendentes de imigrantes que, na convivência na escola com os paraguaios natos, foram se abrindo e aprendendo com o diferente. O relato de Áureo Friguetto explica um pouco dessa dinâmica.

Eu comecei a estudar com os paraguaios, então eu tinha muita dificuldade com a língua. Costumava-se ensinar em espanhol, mas o que se falava na hora do recreio era só o guarani. Então eu ficava meio acanhado, eu ficava num canto meio quietinho, sem ter aquela integração com os colegas. Com o decorrer do tempo, fui aprendendo. Depois que eu aprendi o espanhol e o guarani, ficou tudo mais fácil. Já não havia a discriminação. Existia discriminação com os brasileiros que não tinham facilidade de aprender, esses eram discriminados na escola (apud FIORENTIN, 2010, p. 96).

Esse relato aponta, que o fato de o imigrante ter aprendido a falar as línguas possibilitou sua aceitação no grupo. Nesse contexto, percebemos o quanto a identidade pode ser jogada, ou melhor, negociada nesses espaços fronteiriços. A categoria de negociado de Lesser (2001), possibilita entender como os imigrantes se colocaram nesse espaço fronteiriço. Por vezes, assumiram sua identidade nacional brasileira; por outras, suas identidades etnias; e outras, uma identidade paraguaia, como forma de serem aceitos e respeitados pelos diversos grupos com quem se relacionam nesse espaço.

¹⁵ Maria Gessi Soledade dos Santos, Foz do Iguaçu, entrevista concedida em 19 jan. 2019

Referindo-se ao migrante, Haesbaert e Barbara, afirmam que este ‘em sua situação de des-territorializado em busca de uma nova territorialização, faz uso com frequência desse “arsenal” de múltiplas identidades (inclusive aquelas com forte base territorial) para fazer valer seus interesses’. Para os autores, o migrante também é o que melhor experiência “a ambiguidade dessas duas lógicas territoriais: ao mesmo tempo em que se depara com o controle rígido das barreiras fronteiriças internacionais, convive com múltiplas redes de solidariedade, de trocas comerciais, culturais e até mesmo políticas, de caráter transfronteiriço”. Onde a identidade é sempre uma cambiante, múltipla “em rede”, uma identidade ambivalente, como a de “brasi-guaio”, ou híbrida - um indivíduo que se sente fazendo parte de dois (ou mais) territórios ao mesmo tempo’ (HAESBAERT; BARBARA, 2001, p. 39-45).

Nesse sentido temos nesse espaço fronteiriço, onde diferentes culturas dialogam e negociam entre si, aquilo que Bhabha (1998, p. 20) chama de “entre lugar”. Esse “entre lugar” oferece o espaço para a criação “de estratégias de subjetivação singular e coletiva que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação no ato de definir a própria ideia de sociedade.” O migrante, nesse entre lugar, além de adquirir duas identidades, torna-se também um ser dividido entre duas nações: a pátria mãe, que o gerou, e a pátria que lhe deu a possibilidade de trabalho e de constituição de uma família. Esse processo pode ser reconhecido no relato seguinte. A narrativa de Neiva Linck Fridrichs, empresária, residente em Santa Rita, PY, natural de Tunápolis, SC, que migra para Nova Itapiranga, departamento de Itapua, PY, com 11 anos, nos ajuda a entender esse processo.

A gente tem saudade do Brasil. A gente vai lá, mas a gente já não vê de novo a vontade de voltar, porque aqui a gente se sente mais em casa ainda. Vontade enorme de morar no Brasil a gente tem, mas, quando a gente vai passear lá, a gente já sente saudade de novo de voltar pra casa. Quando a gente pisa em solo nacional paraguaio de novo, a gente se sente em casa. Porque a gente construiu toda a nossa vida aqui (Informação verbal)¹⁶.

No lugar de origem, o migrante teve uma vivência a partir da qual adquiriu elementos culturais que o identificam e foram transportados consigo na emigração. No entanto, com o tempo, ele adquire elementos culturais próprios do local de destino. Essa realidade conduz a um processo de transformação desse sujeito que ainda nutre, em muitos casos, um sentimento forte com a pátria mãe, mas, ao estar em presença dessa, não é preenchido, pois já não se satisfaz mais, porque a sua terra mudou e ele também.

Considerações finais

Ao chegarmos ao final desta reflexão, sobre as identidades dos imigrantes sul-brasileiros no Paraguai, podemos constatar a presença de fortes redes sociais entre esses que facilitou

¹⁶ Neiva Linck Fridrichs, Santa Rita, entrevista concedida em 26 jul. 2018

a emigração e a inserção deles no Paraguai. Ao mesmo tempo, essas redes criadas em diversos espaços de sociabilidade possibilitaram a manutenção de características próprias de sua identidade étnica, regional e nacional.

Concomitante, percebemos, nesse espaço fronteiro com o avanço da cultura e da língua trazidas pelos imigrantes, uma situação atípica nos processos migratórios, em que o cidadão do próprio país busca aprender a língua do imigrante. Isso, porque os brasileiros pouco, ou quase nada, falam espanhol e guarani.

A preservação de elementos tradicionalistas para representar a nacionalidade se manteve ainda mais forte nessas cidades, mostrando que as “tradições inventadas” costuraram uma ideia de pertencimento e identidade diante da alteridade. A manutenção de festas das etnias alemã e italiana em território paraguaio denota uma busca pela preservação de aspectos culturais dos antepassados que, ainda hoje, são muito fortes.

A constituição de uma identidade híbrida entre os imigrantes brasileiros e os filhos de imigrantes, nos possibilitou perceber como eles se colocam em uma posição de “entre lugar”. Por um lado, isso reforça elementos culturais, sociais e sua identidade. Por outro, abre-se ao novo e ao que ele tem a oferecer, demonstrando o quanto a identidade é um processo de construção constante que acontece na relação com a alteridade.

Referências

ALBUQUERQUE, J. L. C. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. 2005. 265f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005. <https://doi.org/10.17013/risti.30.107-122>

Amélia Ebert Haupt, aposentada, natural de Estrela Velha, RS, residente em Santa Terezinha de Itaipu, entrevista concedida em 13 jan. 2019.

BACK, Andressa. *Multiplicidade na fronteira: o fenômeno das identidades em Santa Rita Paraguai*. 2014. 93f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2014.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF FENART, Joceline. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.

BÁRBARA, Marcelo Santa. *Brasiguaios: território e jogo de identidades*. In: POVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (org). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro, Renan, 2005. p. 335.

FERREIRA, Ademir Pacelli (org.). Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 333-346.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BENEDUZI, Luís Fernando. *MAL DI PAESE: As reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D’EU (1884 1925)*. 2004. 324 f. Tese (Doutorado) - Curso de Historia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. <https://doi.org/10.29289/259453942018v28s1059>

CANDAUI, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

- Cesar Landy Torres, intendente distrital de Santa Rita, entrevista concedida em 27 jul. 2018.
- Dalci Malmann, natural de Humaitá, RS, residente em Raul Peña, entrevista concedida em 26 jul. 2018.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. <https://doi.org/10.5380/cam.v1i0.1561>
- FIorentin, M. I. *A experiência de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)*. 2010.122f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- GOLIN, Luiz Carlos Tau. Hegemonia gauchesca. In: BATISTELLA, Alessandro (org.). *Patrimônio, memória e poder*. Reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo (RS). Passo Fundo: Méritos, 2011. p. 155-188. <https://doi.org/10.14393/19834071.2012.17680>
- GREGORY, Valdir. *Eurobrasileiros e o espaço colonial*. Migrações no Oeste do Paraná (1940-1970). 2. ed. Cascavel: Edunoeste, 2008.
- GOETTERT, Jones Dari. *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para o Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*. Dourados, MS: Editora UFGD, 2008.
- HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- HAESBAERT, R.; BARBARA, M. J. S. Identidade e Migração em Áreas Transfronteiriças. *GEOgraphia* (UFF), Niterói/ RJ, v. 5, p. 33-46, 2001. <https://doi.org/10.22409/geographia2001.v3i5.a13398>
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terense (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- Ivani Hirsch Bart, natural de Tuparándi, RS, residente em San Alberto, PY, entrevista concedida em 28 jul. 2018.
- Jacó Weller, ex-vereador de Santa Rita, PY, natural de Cerro Largo, RS, entrevista concedida em Foz do Iguaçu, 17 jan. 2019.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2001.
- Maria Gessi Soledade dos Santos, Foz do Iguaçu, natural de Francisco Beltrão, PR, entrevista concedida em 19 jan. 2019.
- Neison Scholl Bamberg, agricultor, residente em Santa Rita PY, filho de sul brasileiros. Entrevista recebida por messenger em 14 set. 2016.
- Neiva Linck Fridrichs, empresaria, natural de Tunápolis, SC, residente em Santa Rita, entrevista concedida em 26 jul. 2018.
- Noeli Maria Pasuch Rambo, cozinheira e dona de buffe, natural de Humaitá RS, residente em Santa Rita. Entrevista recebida em 7 set. 2016.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, [s. n.], v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SAQUET, Marcos Aurélio; MODARDO, Marcos Leandro. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. *Revista NERA*, Presidente Prudente, ano 11, n.º 13, p. 118-127, jul./dez. 2008.

Silvina Rauber, professora, natural Iporã do Oeste, SC, residente em Santa Terezinha de Itaipu, entrevista concedida em 21 jan. 2019.

SOARES, Weber. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. 2002. 344f. Tese (Doutorado em Demografia) — Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. <https://doi.org/10.24873/j.rpemd.2017.07.018>

SOUCHAUD, Sylvain. *Geografía de la migración brasileña en Paraguay*. Asunción: UNFPA/ADEPO, 2007.

TEDESCO, *Estrangeiros, extracomunitários e transnacionais: Paradoxos da alteridade nas migrações internacionais Brasileiros na Itália*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Porto Alegre: Ed. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Chapecó: Argos, 2010. <https://doi.org/10.14393/19834071.2015.26743>

Terezinha Mezzalira, Irmã MSCS, funcionária pública da Casa do Migrante de Foz do Iguaçu, entrevista recebida por e-mail em 8 abr. 2019.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social*, Revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199 - 218, 2008. <https://doi.org/10.1590/s0103-20702008000100010>

VENDRAME, Maíra Ines. “Nós partimos pelo mundo, mas para viver melhor”: redes sociais, família e estratégias migratórias. *Rev. MÉTIS: história & cultura [S. l.]*, v. 9, n. 17, p. 69-82, jan./jun. 2010.

Vilmar Bartz, natural de Tenente Portela, RS, residente em San Alberto, entrevista concedida em 28 jul. 2018.

ZAMBERLAN, Jurandir; CORSO, Giovanni (org.). *Emigrantes brasileiros no Paraguai: presença Scalabriniana*. Porto Alegre: Solidus, 2010.

Recebido em: 14/6/2019.

Aprovado em: 22/8/2019.

Vanucia Gnoatto

Endereço postal:

BR 285, São José - Passo Fundo/RS - Brasil

CEP: 99052-900